

Retratos de um Povo Invisível: como a Mídia Brasileira Retratoou os Imigrantes Árabes no Início do Século XX

Muna Omran¹

Resumo: Este artigo examina as representações dos imigrantes árabes na imprensa brasileira durante o período de maior fluxo migratório sírio-libanês, em especial na primeira década do século XX. Analisando periódicos demonstramos como a mídia construiu narrativas ambivalentes sobre esses imigrantes, oscilando entre a exotização e a estigmatização. O estudo revela três eixos principais de representação: (1) a persistente denominação genérica como "turcos", apesar da maioria ser composta por sírios e libaneses cristãos; (2) a dualidade discursiva que alternava entre o elogio ao "mascate laborioso" e a crítica ao "comerciante astuto"; e (3) a gradual assimilação desses imigrantes como empreendedores bem-sucedidos nas décadas de 1920-1930. Fundamentado nos conceitos de orientalismo e poder simbólico, o artigo argumenta que a imprensa atuou como mecanismo de inclusão subalterna, integrando os árabes à narrativa nacional, mas atribuindo-lhes um lugar marginal na hierarquia étnica brasileira. A análise evidencia como os estereótipos veiculados – desde as caricaturas do "turco mascate" até as representações do "comerciante bem-sucedido" – refletiam tanto preconceitos arraigados quanto o processo de construção de identidades no Brasil pós-abolição. Além de contribuir para os estudos sobre imigração e representação midiática, o artigo problematiza o papel da imprensa na formação de imaginários sociais, demonstrando como as narrativas jornalísticas do período ajudaram a moldar percepções sobre a presença árabe no Brasil que perduram até hoje.

Palavras-chave: Imigração Árabe; Imprensa Brasileira; Orientalismo; Representação Midiática; Identidade Nacional.

PORTRAITS OF AN INVISIBLE PEOPLE: HOW THE BRAZILIAN MEDIA DEPICTED ARAB IMMIGRANTS IN THE EARLY 20TH CENTURY

Abstract: This article examines the representations of Arab immigrants in the Brazilian press during the peak period of Syrian Lebanese migration, particularly in the first decade of the 20th century. By analyzing newspapers, we demonstrate how the media constructed ambivalent narratives about these immigrants, oscillating between exoticization and stigmatization. The study reveals three main axes of representation: (1) The persistent generic labeling as "Turks," despite most being Syrian and Lebanese Christians; (2) The discursive duality that alternated between praising the "hardworking peddler" and criticizing the "cunning merchant"; (3) The gradual assimilation of these immigrants as successful entrepreneurs in the 1920s – 1930s. Grounded in the concepts of *Orientalismo* (Edward Said) and *O Poder Simbólico* (Pierre Bourdieu), the article argues that the press functioned as a mechanism of subaltern inclusion, integrating Arabs into the national

¹ Doutorado em Teoria e História Literária pela Unicamp. Professora Colaboradora no Curso de Especialização de Literatura Infanto-Juvenil da Universidade Federal Fluminense (UFF). Coordenadora do Alfarabi - Grupo de Estudos sobre Mundo Árabe e Islâmico. E-mail: munaomran2016@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8267-1286>.

narrative while assigning them a marginal place in Brazil's ethnic hierarchy. The analysis highlights how the stereotypes conveyed – from caricatures of the "Turkish peddler" to representations of the "successful merchant" – reflected both deep-seated prejudices and the process of identity construction in post-abolition Brazil. Beyond contributing to studies on immigration and media representation, this article interrogates the press's role in shaping social imaginaries, demonstrating how journalistic narratives of the period helped mold perceptions of the Arab presence in Brazil – perceptions that endure to this day.

Keywords: Arab Immigration; Media Representation; Orientalism; Brazilian Press; National Identity.

Introdução

De acordo com pesquisa encomendada pela Câmara de Comércio Árabe-Brasileira ao Ibope Inteligência e a H2R Pesquisas Avançadas, em 2020, a comunidade árabe representa 6% da população brasileira, o equivalente a 11,6 milhões de árabes e descendentes. Esse resultado foi importante, pois rompe com um dos mitos da imigração no que se refere ao número, uma vez que esses podem variar de seis a dezoito milhões. Essa comunidade de imigrantes tem significativa importância no cenário nacional com representantes na política, na literatura, nas artes em geral e no mundo empresarial. Por isso, é importante compreender as dinâmicas desta imigração e sua representação na imprensa da primeira metade do século XX, maior fluxo migratório, uma vez que os árabes não eram vistos com bons olhos pelas elites do país.

O início dos grandes fluxos migratórios, no Brasil, data do século XIX. Oriundos do Império Otomano, os imigrantes árabes partiam da chamada Grande Síria (*Bilad Al Sham*) ou as terras do Levante, região que compreendia os atuais Estados Modernos Líbano, Síria, Palestina/Israel e Jordânia até o final da Primeira Guerra Mundial. Foram muitas as causas que provocaram a vinda de sírios e libaneses ao Brasil. No século XIX, o Líbano era um grande produtor de seda, no seu auge, estima-se que existiam cerca de 200 fábricas de seda em operação no país, especialmente nas regiões montanhosas, como o Monte Líbano. Esta produção era um dos pilares da economia libanesa naquela época, impulsionada pela alta demanda europeia e pela presença de empresas francesas, que investiram na modernização da produção. Cidades como Bsharri, Zahlé e Beiteddine tornaram-se importantes centros de fabricação. No entanto, com a abertura do Canal de Suez (1869), a concorrência com a seda asiática, que oferecia seda de alta qualidade e preços mais baixos, e a crise do bicho-da-seda (devido a doenças), a indústria entrou em declínio no final do século XIX e início do XX. Consequentemente, isso diminuiu a competitividade da seda libanesa no mercado internacional. Além das questões econômicas, havia a tentativa de escapar do impacto das perseguições religiosas impostas pelos otomanos, ou ainda a imposição do serviço militar no exército Otomano (Pinto, 2010), principalmente após a tomada de poder pelo movimento Jovens Turcos (1908). Os conflitos sociais, políticos e a 1ª Guerra Mundial que resultaram na dissolução do Império Otomano, trouxeram a maior leva de imigrantes, tanto cristãos quanto muçulmanos para o Brasil. Registra-se, em 1913, a entrada de mais de onze mil imigrantes de origem árabe no Brasil (Truzzi, 1997).

O maior fluxo migratório foi em 1887, marcando assim, a chegada da primeira etapa da imigração que findaria com o início da Segunda Guerra Mundial. A maioria

desses imigrantes vinha da região do Monte Líbano, e eram cristãos, porém chegavam aqui com o passaporte que trazia os símbolos do Império Otomano em seus documentos, e sendo assim, eram classificados como “turcos”. Esta denominação, mesmo com o estabelecimento das fronteiras que marcam o atual Oriente Médio, continuou por um longo período ao longo do século XX, classificando, dessa maneira, todos os árabes que aqui aportavam. Quando Edward Saïd, em *Orientalismo* (2003), demonstra como o Ocidente construiu uma imagem homogênea e distorcida do Oriente, associando-o a características como irracionalidade, exotismo e atraso, percebemos que esse discurso foi adaptado para classificar os imigrantes sírios e libaneses, assim “turcos” seria um termo genérico que ignorava suas origens diversas.

Essa identificação pejorativa incomodava os árabes, em especial os sírios e libaneses que não queriam nenhum vínculo com os turcos, na medida em que neles havia um forte ressentimento e o nacionalismo árabe refletia a total desvinculação com os seus antigos dominadores. Um dos maiores exemplos deste rechaçamento está no personagem Nacib, do romance *Gabriela, Cravo e Canela*, de Jorge Amado, que reagia sempre com irritação quando era chamado de turco, “turco é a mãe!” (Amado, 2004, p.24).

Além da documentação destes primeiros imigrantes, a ausência de uma classificação racial contribuía para a qualificação de “turcos” e a inferiorização desses imigrantes. Quando chegavam ao Brasil, os árabes não se enquadravam em nenhum perfil racial, pois não eram brancos como os europeus, nem amarelos e muito menos negros. (Pinto, 2010). O léxico, assim, não só revelava a ausência de um conhecimento sobre este grupo, como também, contribuía para a construção de mais um estereótipo que passaria a cercar os árabes. Já instalados na nova terra, o termo “turco” passava a identificar todos os que trabalhavam como mascates, associando-se ainda a essa imagem de “trapaceiros” e “oportunistas”. A partir daí, a carga negativa que envolvia o adjetivo pátrio “turco”, substantivava-se para identificar esses árabes, passando a ser sinônimo de vendedor ambulante ou alguém ligado à ganância, à dissimulação e à busca do lucro a qualquer preço. Portanto, o termo trazia em si uma identidade marcada por uma alteridade cultural, negativa e um preconceito cristalizado nele.

Ao “turco” empregado pejorativamente associou-se também a capacidade de fazer qualquer negócio. Hajjar menciona que a expressão mais dolorosa para os árabes do Brasil era a famosa ‘turco de prestação’, encontrada no dicionário. (...) Outros elementos pejorativos irão, na maior parte das vezes correlacionar-se a essa marca, como por exemplo as referências ao rendoso assunto dos casos de trapaga em que se envolveram. Ao defenderem-se, lambuzavam-se, mostravam que de certa forma o assunto fazia sentido, compartilhando das acusações e, como sempre, acontece nesses casos, fornecendo uma base real para o desenvolvimento de visões estereotipada, do preconceito. (Truzzi, 1997, p. 69)

No entanto, conforme esses imigrantes ascendiam socialmente e se adaptavam à cultura do novo país, o seu nome de origem ia sofrendo transformações, num processo de adaptação e assimilação, como bem nos relata o escritor Salim Miguel, em seu romance *Nur na Escuridão* ao contar como a assimilação de sua família libanesa foi se estabelecendo a partir da alteração de nome de seu pai: “[...] vindo para o Brasil e virando Miguel [...] talvez pelo passaporte francês, Michel, talvez pela dificuldade na pronúncia em português do sobrenome, logo que cheguei ao Brasil virei Miguel, mais rápido que José ou “seu Zé Gringo”, durante um bom tempo um estranho Yussef [...]” (Miguel, 2004, p. 21).

Ou ainda, como podemos ver na peça “Meu, Remédio” (2024), texto de Mouhamed Harfouch, cuja temática é a identidade e a integração dos imigrantes árabes no sistema de produção do país. Em busca disto, o protagonista conta como seu pai alterou seu nome para poder se estabelecer no comércio local: “[...] qual é o nome do meu pai? É Aladim! Isso, o da lâmpada mesmo! [...] Em registro mesmo o nome dele é Nadim, mas eu mesmo nunca o vi se chamar assim, desde que chegou em solo brasileiro, adotou o ‘Aladim’ [...]” (Harfouch, trecho da peça).

Porém, a mudança e substituição de nomes árabes por versões portuguesas ou cristãs constituiu um dos mecanismos mais evidentes de assimilação cultural entre os imigrantes sírio-libaneses no Brasil. Como observa Bourdieu em *A Economia das Trocas Linguísticas* (2022), o nome próprio funciona como um marcador simbólico de identidade, e sua modificação reflete a submissão às estruturas de poder do campo social receptor. No contexto brasileiro, onde vigorava um projeto de nacionalização baseado no apagamento de diferenças étnicas (Schwarcz, 1993), a “abrasileiração” de nomes como “Ali” para “Elias” ou “Anice” para “Eunice” ou “Alice”, por exemplo simbolizava a assimilação local numa negociação entre preservação identitária e aceitação social. Essa prática, porém, não era neutra: como alerta Saïd (2003), a ocidentalização de nomes orientais perpetuava uma hierarquia cultural que privilegiava a “legibilidade” europeia em detrimento da alteridade árabe.

Desta maneira, a identidade diaspórica era construída com diversas conexões. E assim, em vez de uma assimilação passiva, havia uma articulação, um processo ativo no qual o sujeito seleciona, combina e reinterpreta elementos culturais e os adapta, já que sua identidade é uma identidade em trânsito (Hall, 1996). Logo, nessa articulação com o novo espaço, os imigrantes sírio-libaneses venciam a primeira barreira imposta para sua aceitação.

Al Mahjar, A Imprensa e o Brasil

Os imigrantes das primeiras décadas do século XX, ao contrário da leva migratória do final do século XIX, que tinha um espírito mais aventureiro para fazer a América, seguintes continuavam a chegar por vontade própria, porém incentivados e apoiados por familiares, amigos, conhecidos da cidade de origem, que já tinham conquistado seu lugar nas atividades comerciais e com isso estimulavam novas levadas migratórias.

Uma vez iniciada a emigração para o Brasil, ela expandiu-se em rede, pois muitos imigrantes que já estavam aqui estabelecidos chamavam outros membros da família para ajudá-los nos negócios em expansão, ou serviam como referências que atraíam outros emigrantes de suas aldeias de origem. Algumas localidades como Zahle, Ghazze e Sultan Yaqub, viram mais da metade da sua população emigrar para o Brasil. (Pinto, 2010, p. 52)

No início do século XX, antes da Primeira Guerra, o Império Otomano já colapsava e as reformas políticas impostas pelo Movimento Jovens Turcos provocavam mudanças impostas aos súditos. Dentre outras normas, obrigava o serviço militar no exército Otomano e acirrava a repressão contra os seus oponentes, que em sua maioria eram nacionalistas ligados ao movimento Panárabe, esse ambiente de violenta opressão, trazia uma leva migratória com um novo perfil para o Brasil. Chegavam, agora, os árabes com

sua identidade nacional já definida pelas fronteiras estipuladas pela Conferência de San Remo, em 1920. Eram sírios e libaneses nacionalistas, não tinham o espírito aventureiro da geração anterior e eram um pouco mais instruídos do que seus antecessores. Em sua maioria eram jovens, com novas ideias e já com um pequeno capital. No início do século XX, enquanto a maioria dos imigrantes árabes (principalmente sírios, libaneses e palestinos) chegava ao Brasil para trabalhar como mascates e comerciantes, um grupo significativo, da segunda leva, era formado por intelectuais, escritores e artistas que fugiam do domínio otomano e das crises políticas no Oriente Médio, traziam, ainda, um sentimento nacionalista acentuado. Esses imigrantes, muitas vezes com formação acadêmica e cultural refinada, desempenharam um papel crucial na vida intelectual das Américas, integrando-se ao que ficou conhecido como Movimento *Mahjar*.

Jornalistas, escritores e professores, influenciados pelo movimento *Nahda* (Renascimento Árabe), fundaram periódicos para preservar sua cultura, debater política e integrar-se criticamente à sociedade brasileira. Esses intelectuais transformaram a imprensa étnica em um espaço de resistência e modernidade, onde a língua árabe e as discussões anticoloniais coexistiam com o projeto de adaptação ao Brasil. Esses jornais, muitos escritos integralmente em árabe ou em edições bilíngues, não eram apenas veículos de nostalgia — eram projetos políticos e culturais. Criticavam o colonialismo francês e britânico no Oriente Médio, defendiam a modernização sem abandonar a herança cultural e respondiam ao orientalismo da imprensa brasileira, que reduzia árabes a "turcos" ou "mascates", oferecendo uma autorrepresentação sofisticada.

Por isso, financiados pelos imigrantes já estabelecidos e com capital, foram criados vários jornais com vigorosa força étnica, em especial Rio e São Paulo, entre as décadas de 1920 e 1950. Jornais como *Al-Tawhid* (São Paulo) e *Al-Jadid* (Rio de Janeiro), se tornaram instrumentos de preservação cultural e debate político. Esses periódicos cumpriam uma dupla função: mantinham os laços com as lutas anticoloniais no Oriente Médio (especialmente contra os mandatos francês e britânico) e, ao mesmo tempo, construíam pontes com a sociedade brasileira, contestando os estereótipos orientalistas difundidos pela grande imprensa. Editores como Mikhail Maalouf e Shukri al-Khoury transformaram essas publicações em espaços de resistência intelectual, onde a herança árabe — da poesia clássica aos ideais da *Nahda* (Renascimento Árabe) — dialogava com os desafios da imigração, criando uma singular síntese cultural que marcou a formação da comunidade árabe-brasileira.

No Rio de Janeiro, houve cerca de 50 jornais e revistas árabes publicados entre 1896 e 1950. Os primeiros jornais árabes eram orientados para temas ligados ao Império Otomano. A Orientação liberal de *Al-Raqib* fez com que ele fosse alvo da censura otomana. Na virada do século XX, surgiram no Rio de Janeiro os jornais *Al-Sauab* (A Razão) que circulou de 1900 a 1920 (...). A partir de 1910, os jornais passaram a expressar os diferentes projetos nacionalistas que circulavam entre os imigrantes árabes no Rio de Janeiro. (Pinto, 2010, p. 98)

Porém, o campo de atuação destes intelectuais ficou restrito à colônia, os “intelectuais da colônia” no dizer de Oswaldo Truzzi, uma vez que “não detinham nenhuma expressão rendosa fora dela e acabaram dependendo de favores, empregos e financiamentos de compatriotas bem-sucedidos economicamente.” (Truzzi, 1997, p.108). Essa nova leva aportava no Brasil, e já tinha uma “rede de solidariedade”, no dizer de Paulo

Hilu da Rocha Pinto (2010) estabelecida por familiares, amigos ou conhecidos, o que facilitava sua inserção no sistema produtivo, conseguindo uma maior integração no país.

Outrossim, esses imigrantes do início da década de 1920, tinham a pré-disposição para renegociar sua identidade, desvinculando-se da imagem do “turco negociador”, “turco aventureiro”, “turco de prestação” e tantas outras imagens negativas, e assim forjariam uma identidade voltada para os países de onde eram oriundos. Então, a etnicidade “grupo imigrante é mobilizada por acontecimentos políticos na terra de origem, sírios, e sobretudo libaneses, trataram de reivindicar seus pontos de vista, marcando mais enfaticamente as diferenças” (Truzzi, 1997, p. 96). Há de se observar, no entanto, que essa leva já não só estava ligada à ideia de força de trabalho no comércio, mas também era instruída e “pertencentes até mesmo a certa elite política e intelectual do mundo árabe” (Curi, 2023, p. 252).

E na renegociação dessa identidade, apesar das representações estereotipadas os imigrantes sírio-libaneses mantinham um profundo orgulho de seu passado cultural, reafirmando sua identidade através de tradições, língua e valores familiares. Muitos deles destacavam-se por celebrar a riqueza histórica do mundo árabe — desde as contribuições científicas e filosóficas da Idade de Ouro Islâmica até a resistência política contra o domínio otomano. Esse orgulho se manifestava na preservação do árabe literário em jornais étnicos, na fundação de associações culturais e na transmissão oral de histórias sobre cidades como Beirute, Cairo e Damasco, vistas como centros de saber e sofisticação. Mesmo em meio às dificuldades da adaptação no Brasil, essa conexão com as raízes servia não apenas como consolo, mas como afirmação de uma identidade que resistia aos estereótipos orientalistas.

Estabelece-se, a partir daí, uma perspectiva ambivalente desse elemento diaspórico, já que a imprensa brasileira, refletindo os valores das elites intelectuais e políticas, desenvolveu um discurso que mesclava admiração por sua capacidade empreendedora com profundos preconceitos étnicos e culturais. Porém, na maioria das vezes, prevalecia na imprensa a representação estereotipada, num cenário orientalista da qual nos fala Edward Saïd. Em adição à percepção de Saïd, Pierre Bourdieu, em *O Poder Simbólico* (1989), argumenta que a mídia não apenas reflete a realidade, mas a constrói, atuando como um campo onde se disputam classificações sociais. No caso dos imigrantes árabes, a imprensa brasileira funcionou como um mecanismo de legitimação de hierarquias, definindo quem era “desejável” ou “indesejável” no projeto nacional. A mídia do início do século XX estava vinculada às elites intelectuais e políticas, que viam os imigrantes árabes com desconfiança. Ao descrevê-los como “inassimiláveis” ou “meramente comerciantes”, a imprensa reforçava sua exclusão de espaços de maior prestígio social (como a política ou a academia), restringindo-os a um lugar subalterno na economia.

Nesse horizonte, o Orientalismo será caracterizado por estereótipos, simplificações e hierarquias de poder. Na mídia, o Orientalismo se apresenta na reprodução de narrativas que contribuem para a criação de uma imagem distorcida e homogênea das culturas não ocidentais, reforçando hierarquias de poder e justificando a dominação política e cultural, impondo o projeto civilizatório do Ocidente. Saïd aponta que o Orientalismo é uma forma de violência simbólica, pois nega a agência e a complexidade das sociedades orientais. Ao impor uma visão distorcida e inferiorizada do Oriente, o Orientalismo desumaniza as pessoas e justifica sua subjugação e a imprensa terá papel importante nesta construção para justificar a superioridade do Ocidente (Saïd, 2003).

Imigração e Imprensa

Pierre Bourdieu, em seu livro *Sobre a Televisão* (1996), analisa como os meios de comunicação, incluindo a imprensa, funcionam como campos de poder que influenciam a percepção e a construção da realidade social. Embora o foco principal do livro seja a televisão, suas reflexões são amplamente aplicáveis à imprensa escrita e a outros meios de comunicação. Para o sociólogo francês, a imprensa não é um simples veículo de informação neutra, mas um campo onde se disputam interesses simbólicos, políticos e econômicos. Ele destaca que a mídia tem o poder de construir a realidade ao selecionar, hierarquizar e enquadrar os fatos que serão noticiados. Essa seleção não é aleatória, mas reflete as estruturas de poder e as lógicas de mercado que operam no campo jornalístico. Sob esse viés, Bourdieu alerta para o risco de homogeneização do discurso na imprensa. Como os meios de comunicação estão sujeitos a pressões econômicas e políticas, eles tendem a reproduzir visões hegemônicas e a marginalizar vozes dissidentes. Isso limita a diversidade de opiniões e reforça o *status quo*.

Logo, formam-se indivíduos que internalizam visões de mundo, valores e normas dentro de uma determinada visão, fazendo da imprensa um agente crucial na reprodução das estruturas sociais e culturais cujo resultado é uma uniformização do pensamento e uma perda da pluralidade de perspectivas (Bourdieu, 1996). Já um dos aspectos mais criticados por Saïd é a homogeneização do Oriente. O Orientalismo trata o Oriente como uma entidade monolítica, ignorando a diversidade de culturas, línguas, religiões e histórias que existem na região. Essa homogeneização serve para simplificar e controlar a narrativa sobre o Oriente. Assim, a imprensa brasileira consolidaria modelos e visão única e apresentando visões distorcidas não só em relação ao imigrante, como também às notícias vindas do Oriente, substituindo as vozes locais por narrativas ocidentais (Saïd, 2003). Em um contexto de crescimento do nacionalismo brasileiro pós-República (1889), parte da imprensa via os imigrantes árabes como uma "ameaça" à economia local. Nessa ótica, reportagens destacavam casos isolados de fraudes comerciais ou conflitos jurídicos envolvendo comerciantes árabes, generalizando esses episódios como sendo um perfil de toda a comunidade. Além disso, jornais sensacionalistas associavam esses imigrantes a atividades ilícitas, como "comércio clandestino" e o "contrabando", reforçando a ideia de que eram "indesejáveis". Essa criminalização ignorava o fato de que muitos sírios e libaneses prosperaram como empresários e integravam-se legitimamente à sociedade brasileira.

Já nas décadas de 1920-30, muitos árabes já eram empresários bem-sucedidos, e a imprensa passou a retratá-los como "exemplos de mobilidade". Dessa maneira, voltando o olhar para as representações desses imigrantes na imprensa brasileira no início do século XX, observa-se uma tensão entre a exotização e a estigmatização. No entanto, essa mudança não eliminou o orientalismo: agora, eram vistos como "a exceção que confirma a regra", mantendo-se a ideia de que a maioria dos árabes era "problemática". Se por um lado, eles eram vistos como exemplos de mobilidade e simultaneamente figuras pitorescas e exóticas, que traziam consigo costumes e tradições "diferentes", por outro lado, eram frequentemente retratados como astutos, enganadores e incapazes de se integrar plenamente à sociedade brasileira. Essas narrativas estavam enraizadas em preconceitos étnicos e culturais, que os viam como

"outros" em relação à identidade nacional brasileira. Sendo assim, reproduziam-se os estereótipos que associam o Oriente ao "exótico", ao "atrasado" e ao "irracional". Ao retratar esses árabes como "diferentes" e "estrangeiros", a mídia brasileira contribuía para a construção de uma imagem que reforçava a hierarquia entre o "nós" (o Brasil ocidentalizado) e o "eles" (os árabes orientais). Um olhar mais atento para a maioria dos periódicos brasileiros do início do século XX, percebe-se que se dava atenção ao Oriente Médio, ainda sob domínio Otomano. Os imigrantes, por sua vez, eram representados ambigualmente, ou de forma crítica e preconceituosa ou de maneira mais condescendente, quando esses agiam de forma que mostrasse sua adaptação ao meio nacional.

Como podemos ver em algumas pequenas notícias do Correio da Manhã, de 1910², mostra em pequenas notas como os "árabes" eram representados na imprensa brasileira. Nas quatro notícias aqui apresentadas, chama a atenção o aspecto negativo dado aos árabes, atribuindo a eles condutas bárbaras. Na primeira notícia, "somem com um cão", na segunda, "atracam-se em luta corporal", na terceira, "os dois criminosos", na quarta, chama a atenção que a "pancadaria" acontece por causa da "invasão", a falta de ética dos compatriotas que disputavam a mesma clientela, na quinta, novamente a discussão entre patrícios que resultou em agressão física. Mas, na sexta, no mesmo periódico, temos a notícia de que os imigrantes sírios³ de Pernambuco, lamentam a morte de Joaquim Nabuco, expressa-se assim, a tentativa de inserção dos árabes ao Brasil.

Notícia 1, publicada no Correio da Manhã, em 8 de janeiro de 1910, edição 03097.

Chronica Policial

Elvira Louzada, residente á rua do Hospício n.136, tinha um cão mestre no acto de conduzir embrulhos.

Defronte ao commodo que ella habita, também, habitam os árabes Antonio José, Jo'se Same, Elias Ceuda e Antonio José Caucha.

Estes industriaram o cão, e hontem o animal na ausência da dona do quarto, avançou num pequeno embrulho, onde encontrava a quantia de 40\$, levando-o para logar ignorado. A lesada procurou a policia do 4º districto e deu queixa, atribuindo a pilhéria aos árabes.

Notícia 2, publicada no Correio da Manhã, em 12 de janeiro de 1910, edição 03101.

Luta Corporal

Os árabes Elias Jorge e José Carmo, ambos residentes em Santa Cruz, tiveram hontem naquela estação uma forte contenda, atracando-se em luta corporal. Ambos saíram feridos e foram presos e autoados na delegacia local.

Notícia 3, publicada no Correio da Manhã, em 15 de janeiro de 1910, edição 03104.

Assassinato de Guaratyba

À policia do 25 districto apresentaram-se hontem, os árabes Nicolao Jorge e João Elias, os assassinos de Paulo Barros Lia, facto que foi largamente nos ocupámos.

² Correio da Manhã, edições 03101, 03104, 03138, 03294, 03294, 03109 respectivamente;

³ Ainda nesta data a Síria moderna ainda não tinha suas fronteiras delimitadas, provavelmente, ainda uma referência à Grande Síria (*Bilad Al Sham*).

RETRATOS DE UM POVO INVISÍVEL

Os dois criminosos foram mandados apresentar à polícia do 26º districto, onde ocorreu o fato.

Notícia 4, publicada no Correio da Manhã, em 18 de fevereiro de 1910, edição 03138.

Entre Patrícios

O Encontro fatal

Há muito que os irmãos Domingos de Lima e Abrahão Lima andavam desgostosos com os seus compatriotas árabes Jorge Elias e José Elias que carregavam caixas e metros, lhes haviam invadido a zona de Copacabana a retirar-lhe a freguesia a que se julgavam com direito.

Hontem à tarde, os quatro se encontraram na rua Nossa Senhora de Copacabana e depois de baterem e atravessada língua, atiraram a fazenda e armados com os metros estabeleceram o mais tremendo dos conflitos.

A polícia apareceu e poz termo à pancadaria, prendendo-os em flagrante, para depois manda-los apresentar-se ao posto Central de Assistência, onde o Dr. Carlos Lelere deu-se ao trabalho de curar-lhes as feridas.

Na métrica pugna foram feridos Domingos Lima, nas regiões occipital e parietal direita; José, na região frontal esquerda. Depois dos curativos, no vermelho automóvel da Força Policial foram transportados para o 7º districto e recolhidos ao xadrez.

Notícia 5, publicada no Correio da Manhã, em 25 de julho de 1910, edição 03294.

Entre Árabes

Duas facadas

Os árabes Kalil Barbudes e Sahia Tahan estavam hontem, á noite, no botequim da rua da Constituição n.55, quando entre ambos originou-se uma contenda em meio da qual foi um ferido pelo outro.

O ferido foi Sahia que recebeu dois golpes de faca na região epigástrica, sendo por isso preso em flagrante o agressor que foi apresentado na delegacia do 4º districto.

O ferido, cujo estado é grave, depois de medicado na Assistência, foi removido para a Santa Casa.

Notícia 6, publicada no Correio da Manhã, em 25 de julho de 1910, edição 03109.

Recife – Em nome dos syrios residentes em Pernambuco, aceita sinceros pezames pela irreparável perda do dr. Joaquim Nabuco, uma das mais luminosas estrellas do Brasil - José Elias, Paulono Nezarino, Gabriel Nosme, Antonio Nunes e Miguel Antonio Jorge.

O mesmo jornal, ainda em 1910, na edição 030109, publica uma carta aberta dos líderes da comunidade no Brasil, destacando a sua isenção nas questões da política brasileira, uma forma para a sua aceitação no cenário nacional.

Colônia Syria

Escrevem-nos:

Exmo. Sr. Redactor – Permitta-me v.ex. oppôr uma simples contestação á local inserta hontem no seu conceituado jornal à supposta representação da colonia syria na manifestação politica levada a effeito em honra de s. ex.o sr. Marechal Hermes da Fonseca.

A attitude mantida pela colônia syria em face de todos os acontecimentos políticos deste paiz tem sempre merecido o mais rasgado elogio por parte das diferentes facções políticas; e não havia de ser agora, quando a luta está mais accesa, que os syrios hão de quebrar essa linda de conducta, manifestando-se a favor desta ou daquela candidatura. Assim, pois, não é verdade que os syrios nomearam comissão para represental-os nas manifestação aludida, porquanto nem a colônia se reuniu, nem tão pouco deliberou, e muito menos outorgou direitos a quem quer que seja para represental-a.

Em outra posição, os nacionais se ressentiam pelo “procedimento incorreto” que os árabes tiveram por ocasião da morte do Barão do Rio Branco, em 1912, como se vê na nota da edição 03859, do mesmo jornal, reforçando a ideia sua “incapacidade de assimilação” à cultura brasileira:

Procedimento incorreto

Em Nictheroy, muitas casas comerciais, principalmente as pertencentes a syrios e alguns portugueses, não tiveram a delicadeza de acompanhar as manifestações de pesar que partem de todas as classes pela morte do barão do Rio Branco. Isso foi motivo para que muitos protestos de populares se levantassem pela desconsideração do luto nacional.

Ainda no processo de marginalização do elemento árabe no Brasil, esses eram descritos como “mascates” e “figuras pitorescas” que perambulavam pelas ruas de São Paulo, carregando as “mercadorias”, reforçando uma imagem de pobreza e rusticidade ou ainda, como demonstrado no Jornal Estado de São Paulo, em uma série de reportagem em 1908, em que procuravam reforçar o estereótipo do árabe como esse “esperto” e “traíçoeiro”. Era essa imagem com fotografias que se faziam. A imprensa trazia uma narrativa que refletia uma visão etnocêntrica que via os imigrantes como “outros” que não se integravam plenamente à sociedade brasileira.

Por fim...

A análise da imprensa brasileira à luz de Bourdieu e Saïd revela como os discursos midiáticos não são neutros, mas instrumentos de poder que definem pertencimento e exclusão. Os estereótipos criados no início do século XX ainda ecoam hoje, seja na representação de árabes como “estrangeiros eternos”, seja na desconfiança velada contra muçulmanos.

A desconstrução dessas narrativas exige reconhecer que a mídia não apenas informa, mas forma imaginários — e que, como demonstram os imigrantes árabes, a resistência cultural é uma forma de contestar o poder simbólico que busca silenciá-los. A imprensa brasileira no início do século XX desempenhou um papel importante na construção da imagem dos imigrantes árabes, frequentemente retratando-os de maneira estereotipada e preconceituosa. Entre 1900 e 1920, o *Correio da Manhã*, um dos jornais mais influentes do Rio de Janeiro, construiu uma representação ambivalente e

frequentemente estereotipada dos imigrantes árabes que chegavam ao Brasil. Sua cobertura oscilava entre a curiosidade em relação ao exótico e a desconfiança aberta, refletindo tanto os preconceitos da época quanto o projeto nacional de assimilação cultural. Nesse período, os sírios e libaneses – genericamente chamados de "turcos" devido à sua origem no Império Otomano – eram retratados por meio de duas narrativas principais: a do mascate laborioso e a do estrangeiro indesejável, ambas marcadas por um olhar orientalista que reforçava sua alteridade.

As páginas do jornal frequentemente descreviam os árabes como figuras pitorescas, destacando seus trajes "típicos" e costumes "curiosos". Reportagens sobre suas lojas no centro do Rio ou sobre festas religiosas enfatizavam um suposto exotismo oriental, enquadrando-os como personagens de um mundo distante, mesmo quando já integrados ao cotidiano brasileiro. Essa abordagem, alinhada ao orientalismo descrito por Edward Saïd, reduzia culturas complexas a clichês, como a associação constante entre árabes e o comércio de tecidos – atividade que, embora real, era apresentada como uma característica inata e não como uma estratégia de sobrevivência migrante.

Ao mesmo tempo, o jornal reproduzia estereótipos negativos, especialmente em crônicas policiais ou debates sobre imigração. Os árabes eram acusados de "falta de higiene" ou "práticas comerciais desleais", generalizações que ecoavam o racismo científico em voga no período. Em 1915, por exemplo, uma nota do *Correio da Manhã* descrevia os "turcos" como "incapazes de assimilação", argumento usado para justificar restrições à sua entrada no país. Essa retórica contrastava com o tratamento dado a imigrantes europeus, vistos como mais "desejáveis" para o projeto de branqueamento.

Curiosamente, o mesmo jornal que estigmatizava os árabes também registrava seu êxito econômico. Nas décadas de 1910 e 1920, pequenas notas elogiavam lojistas sírios e libaneses que prosperavam no comércio carioca. No entanto, esse reconhecimento vinha carregado de ressalvas: seu sucesso era atribuído a uma suposta "astúcia inata", e não ao trabalho árduo, perpetuando o estereótipo do "turco negociante". Essa ambiguidade revela o lugar contraditório que ocupavam na sociedade brasileira: úteis para a economia, mas ainda vistos como culturalmente inferiores.

Enquanto o *Correio da Manhã* reproduzia essas narrativas, os próprios imigrantes árabes criavam seus próprios jornais (como *Al-Jadid*) para contestar tais representações. A grande imprensa, no entanto, raramente dava espaço a essas vozes. O resultado foi a invisibilidade de suas perspectivas, consolidando uma imagem unidimensional que ignorava sua diversidade religiosa (cristãos, muçulmanos), intelectual (muitos eram letrados e politizados) e social.

A abordagem do *Correio da Manhã* não era isolada – *O Estado de S. Paulo*, *A Gazeta*, *O Malho*, e revistas como *Careta*, reforçaram narrativas que oscilavam entre o exótico e a estigmatização, refletindo preconceitos étnicos e culturais profundamente enraizados, e isso refletia um consenso midiático que via os árabes através das lentes do orientalismo e do racismo estrutural. Essas representações não apenas influenciaram a percepção pública dos imigrantes árabes, mas também contribuíram para a construção de uma identidade nacional que via esses grupos como "outros". A análise dessas narrativas à luz do conceito de orientalismo revela como a imprensa pode ser um veículo de perpetuação de estereótipos e hierarquias de poder.

Seu legado, porém, foi duradouro: muitos dos estereótipos difundidos naquela época ainda ecoam hoje, seja na associação entre árabes e comércio, seja na

desconfiança em relação a suas tradições. Está feito o convite para mergulhar numa maior reflexão sobre essas representações para entender não apenas a história da imigração, mas também os mecanismos pelos quais a imprensa pode reforçar hierarquias sociais.

Referências bibliográficas

- Bourdieu, P. (1989). *O poder simbólico*. Bertrand Brasil.
- Bourdieu, P. (1996). *Sobre a televisão*. Zahar.
- Bourdieu, P. (2018). *A economia das trocas linguísticas*. Edusp.
- Curi, G. (2023). *O Mahjar é aqui*. IDEOGRAF.
- Hallack, M. (2012). *Imigrantes árabes no Brasil: História e literatura*. Editora Saraiva.
- Lesser, J. (2001). *A negociação da identidade nacional: Imigrantes, minorias e a luta pela etnicidade no Brasil*. Editora Unesp.
- Pinto, P. G. H. da R. (2010). *Árabes no Rio de Janeiro: Uma identidade plural*. Cidade Nova.
- Said, E. (2003). *Orientalismo: O Oriente como invenção do Ocidente*. Companhia das Letras.
- Schwarcz, L. M. (1993). *O espetáculo das raças*. Companhia das Letras.
- Truzzi, O. (1997). *Patrícios: Sírios e libaneses em São Paulo*. Hucitec.

Periódicos

Hemeroteca Digital – (Copyright 2025). Biblioteca Nacional Digital.
<https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>.

DOI desta publicação: <https://doi.org/10.34024/dt5at615>.